

O DRAGÃO BICÉFALO

A visita da presidente Dilma Rousseff à China é o reconhecimento de que o avanço da potência asiática é um dos motores do bom momento econômico brasileiro, mas também a lembrança de que toda oportunidade esconde riscos da mesma magnitude



LUÍS GUILHERME BARRUCHO
E MARCELO SAKATE

Em uma das passagens dos *Analectos*, coletânea de ensinamentos atribuída ao pensador chinês Confúcio (551 a.C.-479 a.C). um de seus discípulos pergunta ao mestre como deveria se portar diante de alguém que acabara de conhecer. Confúcio responde que demonstra bom caráter quem não desconfia de um interlocutor no primeiro encontro. Em sua primeira visita oficial à China, a presidente Dilma Rousseff e sua comitiva tomaram como sinceras as promessas de mais investimentos e menos barreiras

comerciais aos produtos brasileiros acenadas pelos líderes do gigante comunista. A China é hoje o principal parceiro comercial do Brasil. Na última década, as trocas bilaterais aumentaram mais de vinte vezes. As vendas ao país asiático trouxeram bilhões de dólares à economia brasileira, recursos que foram essenciais para o fortalecimento do mercado interno. Mas o Brasil exporta essencialmente bens primários, sobretudo soja, minério de ferro e, agora, petróleo, necessários à manutenção do ritmo de crescimento chinês, que, há duas déca-

das, gira em torno de 10% ao ano. Com os negócios anunciados na semana passada, os chineses tentaram passar a imagem de que se dispõem a diversificar as trocas econômicas.

Entre os acordos divulgados, destaca-se o da fabricante de componentes eletrônicos Foxconn, que monta os produtos da americana Apple, como o iPhone e o iPad, entre outras marcas. A companhia taiwanesa investiria 12 bilhões de dólares nos próximos cinco anos para produzir telas de cristal líquido no Brasil. O local exato onde essa fábrica seria instalada ainda não



Os negócios com a China

Na visita de Dilma, os chineses acenaram com mais abertura a empresas brasileiras. Historicamente, tais iniciativas nem sempre saem do papel

O ACORDO

CARNE SUÍNA

A China, a maior consumidora de carne de porco do mundo, abriu o seu mercado para o produto brasileiro. A expectativa do setor privado é exportar 200 000 toneladas em cinco anos

A REALIDADE

Num primeiro momento, apenas três frigoríficos nacionais foram autorizados a exportar para a China. O governo chinês alega que eles foram os únicos que cumpriram as normas sanitárias

← EMBRAER

A Embraer produzirá o jato executivo Legacy na China, em parceria com um grupo local, o que dará sobrevida à fábrica da Embraer no país. Serão vendidas até 35 aeronaves modelo 190 para duas companhias chinesas

Não foi atendido o principal pleito — a permissão para produzir no país seu modelo que mais vende, o 190. O governo de Pequim entende que ele pode afetar as vendas do jato regional ARJ21, da chinesa Comac



ENERGIA PARA CRESCER

Dilma em Pequim, acompanhada pelo presidente chinês, Hu Jintao: interesse na comida e no petróleo brasileiros

disso, fabricará o jato executivo Legacy em sua unidade chinesa, o que evitará o fechamento da fábrica que mantém no país. "O mercado chinês de aviação executiva é um dos que mais crescem. Vamos aumentar em 30% o nosso número de aeronaves no país", disse a VEJA Paulo Cesar de Souza e Silva, vice-presidente da Embraer.

Livres da retórica diplomática de ambos os lados, os avanços parecem mais modestos. A Embraer não conquistou seu principal pleito, que era produzir o modelo 190 na China. As autoridades comunistas temem que o jato brasileiro afete as vendas de uma aeronave semelhante desenvolvida por uma companhia local. Em relação à carne suína, apenas três frigoríficos dos treze inspecionados obtiveram aval chinês. A maior dúvida, entretanto, recaí sobre as reais ambições da Foxconn. "Com 12 bilhões de dólares, seria possível construir até quatro fábricas como essa", afirma Ivair Rodrigues, diretor de pesquisas da consultoria IT Data. Além disso, o volume de possíveis funcionários (100000) equivale à metade de todo o efetivo da indústria nacional de eletroeletrônicos. Para especialistas, a Foxconn teria inflado os valores para, assim, obter mais facilmente as desonerações tributárias que almeja. Como ensinava Confúcio, não é preciso desconfiar de todos. Mas faria bem conter o triunfalismo até que os anúncios saiam do papel.

foi determinado. Vencerá o estado que der mais incentivos. A informação, não confirmada pela empresa, partiu do ministro de Ciência e Tecnologia. Aloizio Mercadante, que integrou a comitiva de Dilma. Segundo Mercadante, o presidente da Foxconn, Terry Gou, teria dito que planeja construir uma cidade inteligente e ofertar 100000 empregos, dos quais 20000 para engenheiros. O gigante da tecnologia também teria acenado com a possibilidade de montar o tablet da Apple, o iPad, em território nacional, já a partir de novembro. A contrapartida brasileira seria a concessão de incentivos fiscais. Com medidas em análise, um tablet como o

iPad, que hoje é importado e cujo modelo mais simples custa, em média, 1400 reais, poderia chegar às prateleiras brasileiras por até 70% desse valor, ou 980 reais, se montado internamente. Porém, causa incerteza como a Foxconn manterá sua competitividade no Brasil. Na China, os custos trabalhistas são, em média, um quinto dos brasileiros.

De concreto, Dilma trouxe ao Brasil um acordo favorável à Embraer e outro aos exportadores de carne suína. A Embraer informou que venderá até 35 aeronaves de seu modelo mais avançado, o 190, para duas companhias locais, no valor de até 1,5 bilhão de dólares. Além



A empresa Foxconn, de Taiwan, teria manifestado o interesse de investir 12 bilhões de dólares para fabricar telas de cristal líquido no Brasil e também montar aqui o iPad 2, da Apple, o que criaria até 100000 empregos

Especialistas do setor consideraram muito elevados tanto o valor do investimento como o contingente de possíveis vagas. Se o investimento ocorrer de fato, o total deverá ser um terço do anunciado

Comércio bilateral

De 2000 a 2010, as trocas comerciais entre o Brasil e a China aumentaram mais de vinte vezes – de 2,3 bilhões de dólares, em 2000, para 56,4 bilhões de dólares, em 2010



Exportações do Brasil para a China:
30,8 bilhões de dólares
 (15,3% do total de exportações)
 Principais produtos:
 minério de ferro, soja e petróleo



Importações da China pelo Brasil:
25,6 bilhões de dólares
 (14,1% do total de importações)
 Principais produtos: componentes eletrônicos, telas de LCD e máquinas

Saldo: 5,2 bilhões de dólares a favor do Brasil